MARIA LAURA T. MAYRINK-SABINSON
Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp
Campinas, São Paulo, Brasil
lalau@iel.unicamp.br

Considerações sobre a emergência de um estilo individual: construindo o humor no texto

Discutimos, neste texto, a questão da relação entre estilos dos gêneros e a emergência de estratégias de construção de efeitos de humor nos textos de um dos sujeitos cujos dados vêm sendo analisados no projeto individual *Um sujeito (L.M.), um estilo individual de fazer humor e os gêneros discursivos* realizado no âmbito do projeto integrado *Subjetividade, alteridade e construção do estilo: pode o estilo individual ser transgenérico?*, em desenvolvimento no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp desde 2001.

Os pressupostos teórico-metodológicos desta pesquisa qualitativa são os que embasam os chamados paradigmas indiciários de investigação (cf. Ginzburg, 1986; Abaurre et alii, 1995; 1997; 2000a e 2000b). A escolha metodológica nos dirige o olhar para o individual, para o sujeito real e suas escritas idiossincráticas, para as mais diferentes instâncias de manifestação de marcas de subjetividade. Adotamos a concepção sócio-histórica de linguagem que, conforme Franchi (1977, 1987), é trabalho/atividade constitutivo da subjetividade/alteridade e de si própria como objeto de reflexão; a linguagem é lugar de interação humana, de interlocução. Importante, também, é a concepção de estilo defendida em Possenti (1988, 1993) porque permite pensar a emergência mesma do estilo. Este autor, retomando a noção grangeriana de escolha (Granger, 1968), vê o estilo como marca de trabalho. O estilo resultaria do trabalho de escolher, dentre os recursos lingüísticos à disposição, aqueles que serão mobilizados pelo sujeito. Conforme já dissemos em outros trabalhos, nossas questões sobre estilo não são as mesmas que interessam aos estudos literários, e a ótica que assumimos para a discussão de fatos estilísticos não é a psicologizante. Adotamos, ainda, a concepção bakhtiniana de gêneros do discurso, entendendo gênero como *tipos relativamente estáveis de enunciados* constituídos sócio-historicamente nas diferentes e variadas esferas de comunicação verbal (Bakhtin, 1992). Desta concepção, interessa, principalmente, a idéia dinâmica de constituição dos gêneros, a possibilidade apontada de transformação, de influência mútua entre diferentes gêneros e a possibilidade do surgimento de novos (infinitos?) gêneros do discurso, acompanhando o aumento de complexidade das situações de comunicação verbal. Temos observado, principalmente nos dados da escrita inicial, o movimento de constituição de gêneros: textos que oferecem indícios de pertinência a um ou mais gêneros "tradicionalmente" reconhecidos e nomeados – aqueles textos "híbridos", de gêneros "indefinidos" ou parcialmente "definíveis", espécies "embrionárias" de cartas, bilhetes, narrativas (lendas, histórias de fada *etc.*), relatos, entrevistas, notícias jornalísticas *etc –.* Em Abaurre, Fiad & Mayrink-Sabinson (2000b) apresentamos considerações sobre a diferenciação de gêneros nos momentos iniciais da aquisição da escrita, apontando o caráter "embrionário" de alguns gêneros.

O sujeito desta pesquisa, L.M., é filha de professores universitários e sempre freqüentou escolas particulares. Sua produção escrita – doméstica e escolar, coletada desde a pré-escola até o final do ensino médio – faz parte do Banco de Dados do PI, assim como livros infantis e material escolar, além de registros diários feitos pela mãe de L.M. que abrangem o período que vai de um ano de idade à conclusão da primeira série escolar, momento em que ela foi considerada "alfabetizada" pela escola. Este vasto material tem sido estudado por um conjunto de pesquisadores ligados ao PI. Levamos em conta, na constituição do corpus longitudinal que vimos estudando, também a opinião/reação de outros leitores. Constituímos, assim, um corpus de textos considerados "engraçados".

Em Mayrink-Sabinson (1993) mostramos que L.M. trabalha no sentido de construir, em seus textos iniciais, um efeito de humor. Nas quatro primeiras séries escolares o humor é obtido como resultado de um trabalho de linguagem com rimas, ritmo, aliterações, repetições, bem como escolha lexical e de temas "engraçados" que, nas produções escritas iniciais (principalmente nas duas primeiras séries escolares) parecia ser construído via a criação de *nonsense*. Esta análise foi estendida para os dados das séries finais do Ensino Fundamental em Mayrink-Sabinson (2000a), texto em que buscamos mostrar como L.M. constrói o humor via recursos repetidamente utilizados que incluem, além dos acima referidos: a) a escolha, em diferentes momentos do processo de aquisição da linguagem escrita de temas de seu cotidiano, lembrados nos textos provavelmente por violarem o "esperado", "a normalidade", sendo, talvez por isto mesmo, considerados "engraçados" e merecedores de serem narrados por escrito. Distanciando-se dos fatos vividos o sujeito ri de si mesmo ao relatá-los; b) a utilização de nomes próprios inusitados e estranhos para personagens, nos casos em que aparecem nomeados, e a escolha, na maioria dos textos, de características inusitadas/contraditórias/ridículas para construir os personagens e os próprios enredos; c) a criação, a partir da utilização destes recursos de enredos/situações narradas inusitadas e "engraçadas"; d) uma tendência para construir narrativas a partir de diálogos (notadamente a partir da segunda e terceira séries) que parece culminar, na oitava série, com a eliminação da fala de um dos interlocutores resultando numa estrutura monológica, mas em que o que o interlocutor diz é inferível do texto. No trabalho agora apresentado consideramos a produção escrita realizada no Ensino Médio.

Na seleção do *corpus* aqui analisado procuramos reconhecer os diferentes gêneros pelos quais L.M. incursionou em sua escrita escolar. Apesar de a produção escrita na disciplina Português estar ligada à escrita exigida em provas de vestibular, os gêneros produzidos variam. Há textos, nos quais as sequências narrativas predominam, que podem ser considerados exemplares de gêneros *literários* como *narrativas curtas, histórias policiais*, *crônicas, diários* fictícios *etc.* São textos produzidos em resposta às propostas de "escrever narrativas", uma das possibilidades colocadas pelo exame vestibular da Unicamp. O gênero *epistolar* – também resposta à proposta

de “escrever carta” do mesmo vestibular – se faz representar em cartas que apresentam características formais socialmente reconhecidas como próprias do gênero, tais como a indicação de local e data, cumprimento de abertura e fórmulas de despedida, além de assinatura. São tanto *cartas formais* – dirigidas a conselhos editoriais, personagens políticas e em que se fazem presentes fórmulas apropriadas ao grau de formalidade – quanto *cartas pessoais* – entre estas, em que o gênero primário *conversação informal* se mostra, cartas assinadas com as iniciais da autora e carta assinada com nome fictício de personagem que “escreve” a carta –. Há, também, entre a produção de L.M. nesse período, aqueles textos em que predominam sequências dissertativo-argumentativas, que se constituem em pequenos *ensaios* argumentativos sobre temas variados. Consideramos importante salientar que L.M. já vinha insursionando, mesmo antes de ingressar na escola, pelo que reunimos acima sob os rótulos de *gêneros literários* (*histórias*, *crônicas*, *poemas* etc.) e *gêneros epistolares* (*bilhetes* e *cartas pessoais*; em sua escrita doméstica encontra-se até mesmo uma *carta comercial*, se assim a podemos considerar: uma carta dirigida à Faber Castel reclamando de uma caneta que estourou da primeira vez em que foi utilizada). Fazem parte do Banco de Dados do PI alguns textos (*relatos*, *histórias*, *poemas*, *bilhetes*, *cartas*) registrados, no diário, pela mãe de L.M. – em momentos em que L.M. dizia o texto ao garatujar –; entre estes há alguns especificamente ditados por L.M. para algum adulto colocado no papel de escriba. São, então, gêneros discursivos que fazem parte da vida de L.M. desde o período pré-escolar.

Estivemos olhando estes dados procurando entender: a) se a tendência estilística de construir textos bem humorados/irônicos, marcantemente presente nas séries do Ensino Fundamental, se mantinha nas últimas séries do Ensino Médio; b) se ela se fazia presente nos gêneros pelos quais L.M. incursiona durante este nível de ensino, gêneros que exigem uma postura argumentativa, no mais das vezes. No presente trabalho apontamos indícios de que a tendência estilística de construir textos bem humorados/irônicos é mantida nas últimas séries de escolarização do Ensino Médio, assim como se faz presente, também, em textos de diferentes gêneros discursivos. Mostramos, ainda, que a tendência de narrar em primeira pessoa, já visível nas séries do Ensino Fundamental como estratégia para criar efeitos humorísticos, se mantém no Ensino Médio bem como outros recursos já observados. L.M. continua, sim, a trabalhar a linguagem no sentido de construir efeitos de humor. Considere-se, inicialmente, um texto produzido no início da escolarização:

> Quando eu morrer, eu vou deixar as minhas coisas para os meus filhos, ou meu marido se eu tiver ou meus pais se eles estiverem vivos .
>
> ESTA E UMA POESIA PARA ELES.
> CORAÇÃO CORAÇÃO ,
> NÃO IMPORTA SE
> FOR DE PAPELÃO
> MAS EU GOSTEI
> MUITO .
> TESTAMENTO. NÃO QUERO MORRER. SÓ ESTOU
> ME PREPARANDO.
> ASSINADO L.M.

O texto, um exemplar da escrita doméstica de L.M. como o texto *Balão Botão* apresentado a seguir, foi produzido diretamente no computador, digitado pela própria L.M. e gravado em um arquivo nomeado como *Segredo.doc*. Supomos que tenha sido produzido quando L.M. cursava a segunda ou o início da terceira série do Ensino Fundamental. Temos, no caso, como parte daquilo que o próprio sujeito rotula como TESTAMENTO, uma *poesia* e um *lembrete* (NÃO QUERO MORRER SO ESTOU ME PREPARANDO). Trata-se de três gêneros? Ou de um gênero – o *testamento* – contendo dois outros em seu interior – a *poesia* e o *lembrete* –? Esse é um texto que provoca riso quando é dado a conhecer em palestras e aulas. Este riso decorre do trabalho lingüístico de L.M. no texto e do inesperado de um testamento feito por alguém de oito anos de idade. Esse riso pode ser o efeito de fatores externos ao texto propriamente dito – a idade da criança que escreve o testamento; o nome dado ao arquivo –. Fatores internos ao texto e que apontam o (pouco?) conhecimento do gênero por L.M., ou seja a convivência de elementos reconhecidos socialmente como característicos de outros gêneros (a *poesia* e o *lembrete* final) contribuem, também, para o efeito humorístico causado. O texto de L.M. mostra que o gênero *testamento* não é totalmente desconhecido dela mas que sua vivência com este gênero não é a mesma que tem, por exemplo, com as *histórias de fada*.

O trabalho no texto *Balão Botão*, da mesma época, é de outra ordem. O texto é o seguinte: *Balão Botão que estourou no pão comeu o cão fudeu o Botão e quebrou o chão.* Escrito dentro do desenho de um balão, este texto mostra indícios de um trabalho de L.M. na construção do *nonsense*. Ela efetivamente trabalhou nele para construí-lo engraçado, assim como em muitos outros textos escritos desde o início de sua escolarização. O texto *Balão Botão* é típico da escrita inicial de L.M.. Nele chamam a atenção as rimas bem como a quebra de expectativas sintático-semânticas. Falando de um balão – que ganha traços de animado (inclusive com um nome próprio marcado pela letra maiúscula, no início da palavra *Botão*) e funciona como sujeito gramatical de ações transitivas que, às vezes, requerem sujeito animado (caso de *comeu/quebrou*) – L.M. parece brincar com restrições da língua, criando, nesse processo, construções sintáticas pelo menos anômalas, violando regras lingüísticas de forma aparentemente livre, criando, assim, efeitos de sentido engraçados/estranhos/subversivos. Não se trata de uma ausência de sentido, mas de criação de efeitos de sentido *nonsense* que servem ao humor. Isto não parece ser feito de modo aleatório. L.M. conhece muito bem as regras da língua, como a maioria de seus textos mostram, e não as subverte na fala/na escrita a não ser quando quer ser engraçada... Subvertendo a

"ordem natural das coisas", inclusive a “ordem”, as “regras” da língua, L.M. "cria" humor. Até a oitava série este fazer humor era mais freqüente nos gêneros que podemos reunir sob o rótulo de *literários*:, mas não exclusivo deles como mostra a “carta ao Sr. Administrador do Cemitério”:

> Carta para o Sr. Administrador do Cemitério
>
> Sr. Administrador, fiquei sabendo que serei despejado da minha aconchegante cova por falta de pagamento. Sr. Administrador, agora que morri, tinha a esperança de arranjar uma moradia fixa. Aqui meus vizinhos são tão simpáticos, todos me tratam bem. Por favor Sr. Administrador, deixe-me focar aqui, não gosto de atordoar pessoas a morte inteira. Tenha dó de mim e de sua família. O Sr. por acaso gostaria de ser despejado a eternidade inteira, não né? E atordoado por um defunto? Também não, né? Então deixe-me ficar aqui, por favor.
>
> Ass. Boo Morto

Trata-se de carta em que o autor tem que se colocar na esfera pública de comunicação verbal ao mesmo tempo em que se coloca no papel de um outro, mas não de um outro qualquer: como autora do texto, L.M. é solicitada a se colocar no papel de um defunto – uma situação inaudita. Os recursos utilizados para construir o humor do texto incluem jogar com a quebra de expectativas do leitor, desfazendo “lugares comuns”: *não gosto de atordoar as pessoas* ***a morte inteira***; *gostaria de ser despejado a eternidade inteira*. O auge deste humor surge da frase*Tenha dó* ***de mim*** *e* ***de sua*** *família*, em que L.M., como já fizera anteriormente com o lugar comum *a vida inteira*, rompe com o esperado *Tenha dó de mim e de minha família*, construindo, desta forma, a ameaça velada de atordoar a morte inteira não quaisquer pessoas, mas os membros da família do Administrador do Cemitério. Na versão primeira do texto, a ameaça era mais direta no final da carta: *Sr. Administrador, não reclamarei se eu for despejado, mas isso não é de meu agrado. O Sr. não deve saber como é a fúria de um defunto despejado, por isso, me sinto na obrigação de lhe avisar para prevenir sustos*. Ao reescrever a carta L.M. trabalha a ameaça de forma indireta.

O que pudemos observar, considerando um conjunto amplo de produções escritas realizadas durante o Ensino Médio no âmbito da disciplina Português, é que L.M. transita por uma variedade de gêneros, conforme já apontamos. A convivência mais próxima com algum gênero resulta em domínio maior dos recursos próprios do gênero – do estilo do gênero. A tendência de L.M. de construir humor/ironia no texto se manifesta em outros gêneros discursivos mais freqüentemente trabalhados pela escola nas três séries do Ensino Médio. A paródia de discurso de um político que L.M. constrói mostra isto:

> Telespectadores e espectadores do Brasil. Estou aqui, em vosso horário nobre, em defesa da minha pessoa que vem sendo difamada por aqueles que não têm escrúpulos e desejam ocupar meu lugar nas pesquisas.
>
> Boatos sobre a lealdade e a veracidade de meu discurso vêm surgindo da boca daqueles que me invejam, invejam a minha modernidade, o meu engajamento com o povo, a minha linguagem clara, que todos entendem. Dizem que o que aqui vos digo são apenas palavras tocantes e estratégicas. Pois afirmo-vos que não é nada disso! Exponho-vos, de coração aberto, minhas idéias e conceitos de como devemos agir para que o nosso querido país prospere e tenha um futuro saudável.
>
> Não acreditai nos que dizem que o meu passado é sujo! Estes, através dos recursos da mídia, forjam imagens e ações falsas, tentando denegrir minha imagem diante de meus eleitores fiéis e conscientes de seu voto. Sabeis o que fiz pelo bem do povo em meus governos passados. Sabeis que quem fez, faz e fará muito mais com o vosso imprescindível apoio!

Para escrever seu texto, L.M. se apropria de elementos que caracterizam a fala de políticos demagogos. A interpelação de abertura, *Telespectadores e espectadores*, ecoa outras comumente utilizadas por políticos conhecidos (*Brasileiros e brasileiras*; *Companheiros e companheiras* etc.). Da mesma forma, o fecho dado a este discurso, em especial o *quem fez, faz e fará*, lembra conhecida personalidade do mundo político. L.M. constrói uma fala empolada, utilizando-se, surpreendentemente, da segunda pessoa do plural como forma de tratamento e valendo-se de expressões e itens lexicais pouco comuns na fala (*escrúpulos*, *palavras tocantes e estratégicas*, *exponho-vos* – este seguido do lugar comum *de coração aberto* –, *forjam*, *denegrir*, *imprescindível*), assim como de clichês e lugares comuns da fala de políticos (*para que o nosso querido país prospere e tenha um futuro saudável*, *através dos recursos da mídia*, *meus eleitores fiéis e conscientes de seu voto*, *o que fiz para o bem do povo em meus governos passados*). Ela faz com que esse político de fala empolada caracterize sua própria linguagem como *a minha linguagem clara, que todos entendem*, mentindo, assim, ao desmentir os *boatos sobre a lealdade e a veracidade de meu discurso*. Parodiando a fala de um político, L.M. constrói a imagem de um político mentiroso, demagogo e populista.

Assim como o recurso de se apropriar da voz do outro para com ela construir o seu dizer, o recurso de apelar para enredos inusitados e finais surpreendentes é muito utilizado por L.M. como uma forma de criar efeitos de humor. Dada a exigüidade de espaço, apresentarei sem maiores comentários, textos escritos em fase mais avançada de escolarização. O primeiro deles – uma *crônica*, se pensamos no gênero – foi escrito na oitava série do Ensino Fundamental e nele L.M. assume a voz de uma aeromoça dirigindo-se a uma criança que viaja desacompanhada; representando uma fala, a informalidade da oralidade se faz nele presente. Os outros dois textos foram produzidos durante o curso preparatório para o vestibular e em ambos L.M. assume uma máscara masculina. Em “Diferentes olhares” – uma *narrativa curta* – períodos simples emprestam um ritmo rápido às sequências de cunho narrativo. Períodos compostos, bem mais longos e arrastados, parecem ser reservados para as seqüências em que uma postura de comentador, mais descritiva, é assumida. Já o último texto apresenta a apropriação de uma escrita e não de uma fala; uma escrita igualmente informal, compondo um gênero também familiar a L.M. - o *diário íntimo*; L.M. se vale dele para compor uma *narrativa curta*.

(1) A Tia do Avião

Oi, esse é o seu lugar. Está bem acomodada? Me dá isso aqui, deixa eu guardar isso para você, segura isso aí. Tá com frio? Toma esses cobertores. Quer escutar uma música, que tipo de música você gosta? Eu gosto de música sertaneja. Tá com sede? Quer água, café, leite, suco, refrigerante, chá? Já sei! Chocolate quente!!! Já volto, tá? Você prefere para o jantar carne, peixe ou frango? Não, não, não, já sei, macarrão! O banheiro é ali. Quer mais um chololate ou bombom? Essa gelatina deve estar uma delícia! Que filme você prefere? Tá com soninho, tá? Boa noite!

Bom dia! Dormiu bem? Já estamos quase chegando. Come mais um pãozinho. Quer iogurte? Quer cereal? Você já sabe onde é o banheiro. Toma as suas coisas, você vai descer primeiro. Hei, aonde você vai? Volta aqui! Não vai falar tchau? Ingrata!!! Espero que tenha tido uma boa viagem!!! Tchau!!!

(2) Diferentes Olhares

Havia poucas horas que eu partira. As águas, ainda escuras e encobertas pela neblina, levantavam-me alto no ar fazendo com que os remos batessem no casco da frágil canoa. Ao longe o meu destino: um monstro colossal de terra que, pulando das águas e abocanhando o céu, parecia soltar fumaça pelos ventas. Remava firme. Eu sabia que um rádio teria sido útil. Como o tempo passa devagar quando se está sozinho! Mal via a hora de chegar. Todos do trabalho tinham-me descrito a montanha como a mais grandiosa do mundo e, pelo pouco que via por entre a neblina, parecia mesmo majestosa. Disseram-me que tal beleza compensaria a viagem de doze horas em um avião de cadeiras duras e espero que compense-me também do tempo de remo nessa canoa. Eles utilizaram barcos a motor por levarem uma vida sedentária. Eu nunca gastaria meu dinheiro em tal capricho. Se Deus nos deu a capacidade de produzir energia para remar um barco é porque ele quer que a usemos para ver as belezas que criou!

Pensando desta maneira fui capaz de matar algumas horas do tédio que me incomodava. O sol já se tinha erguido e encontrava- se no meio do céu, mas a neblina ainda me impedia de apreciar a paisagem. Dei-me conta, então, de que me encontrava ligeiramente fora de forma e de que todos os elogios de minha secretária ao meu físico perfeito buscavam, simplesmente, uma promoção. Já sentia as costas queimando e o suor que por ela descia se misturava com respingos de água do mar, causando-me uma irritante ardência. Meu estômago grunhia no mesmo ritmo das gaivotas sobre minha cabeça, resultando em um barulho quase ensurdecedor. Pensei comigo mesmo que já era hora de almoçar. Joguei a bóia de seguraça na água, para que as ondas não me levassem, e desembrulhei meu sanduiche de atum. Foi o tempo de dar duas mordidas e uma gaivota, em um vôo rasante, o roubou das minhas mãos. Furioso, tive que matar a fome com uma maçã que sobrara.

Reiniciei minha jornada. Nada mais me parecia divertido e tudo que eu queria era uma boa sombra e água fresca. Lembrei-me da maldita gaivota e percebi que ela parecia muito com a minha secretária. Se tivesse uma arma com certeza atiraria nela! Mirando para cima, eu tentava acertar os caroços da maçã no rabo daquela irritante criatura. Entretido nesse jogo, só fui perceber que o porto, onde eu devia atracar a canoa, se aproximava quando um "jetsky" espirrou água no meu rosto. Apesar do cansaço e da raiva que sentia encontrei forças para sorrir para o pescador que se encontrava sentado na doca. Este, retribuindo o meu sorriso, ajudou-me a pisar em terra firme. Parecia tão simpático que resolvi tirar a carteira da mochila para dar a ele uma gorgeta. Perguntei-lhe onde se encontrava o gigante. Apontou-me uma estradinha. Desapontado, segui caminho pela estrada a fora, sozinho.

Já entardecia quando dobrei a última curva, eufórico. Deparei-me com a decepcionante visão -- uma montanha habitada! Prédios de hotéis famosos iluminavam a paisagem desgastada e suja. Não avistei pássaros nem flores. E é por isso, senhor, que lhe peço: alugue-me esse barco a motor para voltar para casa.

(3) 5 de Maio - Nunca estive mais feliz. Meu casamento com Marta vai quase as mil maravilhas. O único problema é termos caído na famosa rotina. Acho que devemos viajar para solucionar esse problema, mas isso custa muito caro, o nosso orçamento deixa a idéia inviável por enquanto.

17 de Maio - Minha mulher é brilhante! Encontrou a solução perfeita para o nosso problema. Ela nos matriculou em uma academia! Não acho que estejamos fora de forma, principalmente meus ossos magros, mas se essa é a solução...

18 de Maio - Conheci a nossa nova academia. Seu gerente, apesar do nome um tanto peculiar, como Walmor, é muito simpático e nos trata muito bem.

26 de Maio - Marta está encantada com a academia. Passa horas malhando apesar de eu não poder acompanha-lá sempre. O que me conforta é que o seu Walmor faz companhia a ela. Hoje me disse que ele é um expert em filmes de ação, e me pediu para alugar alguns, apesar de seu gênero preferido ser o Romântico.

30 de Maio - Tenho visto minha mulher cada vez menos. Espero que ela não esteja virando uma ratazana de academia como as jovens de hoje em dia. Preciso ver um médico, estou com uma coceira incrível na testa.

1 de Junho - Péssimo dia. Não vi minha mulher hoje por mais do que duas horas, e meu médico não sabe o que é essa coceira infernal.

2 de Junho - Estou irritado! Minha mulher convidou o exímio gerente para jantar, muito bem arrumado.Que e agora não larga mais a minha mulher. Conclusão: não pude conversar com Marta sobre o andamento de nosso casamento.

5 de Julho - Fui andar de bicicleta para aliviar o estresse e a coceira. Ao voltar para casa tive a desagradável surpresa de encontrar o senhor gerente malhando em cima da minha mulher. Descobri o motivo da coceira, que passou num instante quando pintei na cara de Walmor um belo olho roxo que combinava com suas meias e camisa.

6 de Junho - Não volto mais naquela maldita academia, e quero o divórcio!

Do que transparece da observação dos textos acima apresentados, um dos recursos mais produtivos em que L.M. parece estar investindo na construção do humor em seus textos é a construção de personagens que narram suas histórias em primeira pessoa. Assumindo a voz de um outro, L.M. cria humor. A tendência de construir textos bem humorados e engraçados se mantém até o final do Ensino Médio, incluindo produções escritas durante o curso pré-vestibular, principalmente nos textos em que L.M. assume uma postura narrativa mas, como procuramos mostrar, não exclusivamente neles. Isto acontece quando a proposta permite, ou seja, L.M. muitas vezes precisa escrever textos sérios. Os recursos de que ela se vale para construir o humor no texto parecem ser os mesmos utilizados quando cursava a oitava série do Ensino Fundamental, considerando, claro, a complexidade maior dos textos que produz. Um destes recursos, presente em textos considerados engraçados é assumir a voz/a escrita de um outro que se faz personagem/narrador da trama.

Referências Bibliográficas

ABAURRE M.B.M., FIAD, R.S. & MAYRINK-SABINSON, M.L.T.. 2000b. *Relação entre estilos de gêneros e estilos individuais: indagações preliminares sobre a diferenciação de gêneros na escrita infantil*. (no prelo).

_____ . 2000a. *Investigando a singularidade dos sujeitos no processo de aquisição da escrita.* Em: Dossiê O Letramento no Brasil. Educação em Revista, n. 31. Publicação da Faculdade de Educação da UFMG. p.135-152.

_____1997.Cenas de Aquisição da Escrita. O sujeito e o trabalho com o texto. Campinas, S.P.: ALB/Editora Mercado de Letras.

_____; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade & GERALDI, João Wanderley. 1995. *Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual.* Trabalhos em Lingüística Aplicada, (25): 5-23, Jan-Jun. Campinas, Unicamp.

BAKHTIN, M.. 1992 [1952-1953]. Os gêneros do discurso. In: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes.

FRANCHI, C.. 1977. Linguagem: Atividade Constitutiva. In: Almanaque n° 5.

_____. 1987. *Criatividade e gramática*. In: Trabalhos em Lingüística Aplicada, (9): 5-45. Campinas: IEL/ UNICAMP.

GINZBURG, C. 1986. Mitti Emblemi Spie: Morfologia e Storia. Torino: Einaudi. Tradução Brasileira: Mitos Emblemas Sinais: Morfologia e História. 1991. F. Carotti (trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

GRANGER, G. G. 1968. Filosofia do Estilo. São Paulo: Perspectiva/ USP. (Trad. de Essai d'une Philosophie du Style).

MAYRINK-SABINSON, M.L.T..2001. *Efeitos da leitura na produção escrita de L.M.* Revista Perspectiva. Publicação da UFSC.

_____ . 2000a. *Fazendo humor no texto: a emergência do estilo a partir da análise de um corpus longitudinal em aquisição da escrita.* Trabalhos em Lingüística Aplicada, (36): , Campinas, Unicamp.

_____. (1993). *Indícios de individualidade na escrita inicial da criança*. Em: Estudos lingüísticos XXII, Anais de Seminários do GEL. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda.

POSSENTI, Sírio. 1988. Discurso, Estilo e Subjetividade. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 1993. *Estilo e aquisição da escrita*. In: Estudos Lingüísticos XXII, Anais de Seminários do GEL. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda. pp. 202-204.